



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANDRESSA KALIANE LIMA SANTOS

**A ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS SURDOS DA UNB**

Brasília  
2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANDRESSA KALIANE LIMA SANTOS

## **A ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS SURDOS DA UNB**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Liège Gemelli Kuchenbecker.

Brasília  
2020

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDRESSA KALIANE LIMA SANTOS

**A ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS SURDOS DA UNB**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito final para a obtenção do grau de Pedagogo – Licenciatura Plena, pela seguinte banca examinadora:

COMISSÃO EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Liège Gemelli Kuchenbecker (Orientadora)  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Sinara Pollom Zardo (Examinadora)  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Linair Moura Barros Martins (Examinadora)  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília  
2020

*Determinarás tu algum negócio, e ser-te-á firme, e a luz brilhará em teus caminhos. (BIBLIA, JÓ, 22, V.28).*

#### *DEDICATÓRIA*

*Dedico este trabalho previamente ao meu Deus que em cada momento me sustentou para que eu chegasse até aqui. Também o dedico aos meus pais Árxito Firmino e Rosa Helena e minha irmã Vitória Yasmin, que estiveram comigo no decorrer dessa caminhada. Por fim, o dedico a todas as pessoas surdas, como sujeito de pesquisa neste trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus que é a minha força e que está ao meu lado em todos os momentos e que me proporcionou esta oportunidade de estudar em uma universidade pública.

A mim por estar comigo em todos os momentos e não desistir de mim mesma.

Aos meus pais Árxito e Rosa e minha irmã Vitória, que são os meus exemplos, que sempre me deram todo apoio para que eu pudesse chegar até aqui, sendo canais de bênçãos na minha vida, ajudando-me a ter fé e perseverança para batalhar pelos meus sonhos.

À minha tia Cristina, que é uma segunda mãe para mim e minha prima Nathália que é uma segunda irmã, que me incentivaram e me auxiliaram nos estudos para que eu tivesse a chance de estar na universidade.

As professoras Elézia, Cleonice, Ana Catarina, Carolina e aos meus professores da Educação Infantil até o Ensino Médio, agradeço por terem acreditado em mim e por todo apoio, ensino e aprendizagem que compartilharam comigo.

Aos amigos que encontrei pelos campus da universidade na trajetória da graduação, em especial destaque: Jéssica, Adriana, Dayana, Rosângela, Brenda, Jeff, entre outros, que a todo momento pude contar com os conselhos, ajuda e parceria.

A todos os professores da Universidade da Brasília que cada um conforme a sua particularidade e docência, contribuíram para a minha formação como pedagoga.

Às professoras dos meus estágios, Deise, Marília, Neiva que sempre atenciosas receberam-me em sala de aula, encorajando-me com as crianças com experiências incríveis.

À minha orientadora Liège, que com todo carinho e amor aceitou orientar-me, mesmo sem conhecer-me. Sou grata por cada escuta no desespero e nas preocupações, grata pela paciência, dedicação e orientação que foram acrescentadas na minha vida no decorrer deste trabalho, é certo que é uma grande inspiração de pessoa e profissional para mim.

Às professoras Linair e Sinara que prontamente aceitaram participar da banca examinadora.

À toda a minha família e colegas que em todos os momentos estiveram torcendo pela minha conquista, fortificando-me com incentivos e palavras de apoio.

## RESUMO

A presente monografia tem como objetivo compreender a escolarização de alunos surdos da UnB do curso Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua (LSB/PSL), abordando como problema de pesquisa a questão de como se constitui a escolarização de surdos que ingressam na UnB. Neste trabalho, fazemos correlações a aprendizagem e ensino do aluno surdo, a fim de conhecer a escolarização escolar de três estudantes surdos do curso de LSB/PSL até a chegada na universidade. A fim de olhar para a educação de surdos com um olhar sensível, este trabalho é fundamentado a partir de autores como Skliar (2001), Thoma e Lopes (2004), Quadros (2005) e Perlin (2003), discorrendo sobre o mesmo, fatores relacionados à história dos surdos, a sua cultura e identidade, seus aspectos linguísticos, o ensino e aprendizagem desses sujeitos e a educação que é disponibilizada para os surdos. A pesquisa qualitativa deste trabalho aborda três estudantes surdos da UnB utilizando sete perguntas feitas pessoalmente e via whatsapp. Os resultados das entrevistas apontam as múltiplas identidades surdas, e que por essa razão a escolarização dos surdos deve ser pensada com base nas mesmas. Os resultados desta pesquisa mostram que o surdo é um sujeito que possui a capacidade e o direito de ser quem ele é, com suas experiências, com sua cultura e identidade constituindo-o na sociedade e que isso deve ser não somente identificado por ele, mas também por seus familiares, professores, escolas e a sociedade em geral, a fim de que ele seja respeitado linguística e culturalmente.

Palavras-chave: Escolarização de Surdos - Cultura - Identidade - Aspectos Linguísticos

## **ABSTRACT**

This monograph aims to understand the schooling of UnB's deaf students of the Brazilian Sign Language course - Portuguese as a Second Language (LSB/PSL), addressing as a research problem the question of how is the schooling of deaf people who join UnB. In this work, we correlate the learning and teaching of the deaf student, in order to know the schooling of three deaf students from the LSB/PSL course until they arrive at university. In order to look at the education of the deaf with a sensitive eye, this work is based on authors such as Skliar (2001), Thoma and Lopes (2004), Quadros (2005) and Perlin (2003), discussing factors related to the history of the deaf, their culture and identity, their linguistic aspects, the teaching and learning of these subjects and the education that is made available to the deaf. The qualitative research of this work addresses three deaf students at UnB using seven questions asked personally and via whatsapp. The results of the interviews point out the multiple deaf identities, and that for this reason the schooling of the deaf should be thought based on them. The results of this research show that the deaf is a subject who has the capacity and right to be who he is, with his experiences, with his culture and identity constituting him in society, and that this must be identified not only by him, but also by his relatives, teachers, schools and society in general, in order for him to be respected linguistically and culturally.

**Keywords:** Schooling of the Deaf - Culture - Identity - Linguistic Aspects

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

CEAL-LP - Centro Educacional de Audição e Linguagem – Ludovico Pavoni

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

LSB/PSL - Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua

UnB - Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>PARTE I</b>	
MEMORIAL .....	12
<b>PARTE II</b>	
INTRODUÇÃO .....	18
<b>PROBLEMA DE PESQUISA</b> .....	18
<b>OBJETIVOS</b> .....	18
Objetivo Geral .....	18
Objetivos específicos .....	18
<b>CAPÍTULO I</b>	
1. HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS .....	19
1.2 EDUCAÇÃO DO SUJEITO SURDO NO BRASIL.....	22
1.3 CULTURA E IDENTIDADE SURDA .....	26
<b>CAPÍTULO II</b>	
2. METODOLOGIA .....	33
2.1 Participantes pesquisados .....	33
2.2 Instrumentos e materiais .....	34
2.3 Procedimentos para produção dos dados .....	34
2.4 Roteiro de entrevista .....	35
<b>CAPÍTULO III</b>	
3. ANÁLISE DE DADOS .....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	48
<b>PARTE III</b>	
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS .....	51
REFERÊNCIAS .....	52
ANEXO .....	55

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho monográfico tem por objetivo conhecer um pouco da história dos surdos, das suas lutas e a importância da língua de sinais e da sua identidade como alteridade do sujeito surdo. Esse estudo, pretende mostrar um breve resumo em forma de uma linha do tempo desde o início das principais dificuldades enfrentadas pelo surdo nos espaços em que circula e a importante lei de Libras que foi promulgada.

Este é um trabalho monográfico sobre a escolarização de surdos até a chegada na universidade, está dividido em três partes: memorial educativo, trabalho monográfico e perspectivas futuras. Na parte I é apresentado o memorial educativo que traz reflexões sobre as vivências escolares da autora e de como surgiu o interesse pela área de Libras e sobre as disciplinas que ela passou e que fizeram chegar até o interesse de desenvolver este trabalho na área da educação de surdos. Na segunda parte é apresentado o trabalho monográfico, na introdução trazemos o problema da pesquisa, objetivo geral e específicos.

Na sequência, descrevemos sobre o trabalho em geral, com base no referencial teórico. Logo mais à frente, apresentamos os resultados, buscando ao máximo ponderar a respeito da temática que foi proposta no início do trabalho relacionando a entrevista que foi produzida com os alunos surdos da Universidade de Brasília.

Por fim, apresentamos os resultados da pesquisa, trazendo a terceira parte que é composta pelas perspectivas profissionais da pesquisadora.

# PARTE I

## MEMORIAL

Meu nome é Andressa Kaliane Lima Santos, sou a filha mais velha de Árxito Firmino dos Santos e de Rosa Helena de Lima Santos, minha família é constituída por quatro pessoas, com minha irmã Vitória Yasmin Lima Santos e minha cachorra Lessie. Somos de classe média baixa, evangélicos e pessoas humildes. Meu pai, por sair de casa para trabalhar muito cedo, com 12 anos, somente concluiu o Ensino Fundamental, minha mãe, conseguiu concluir o Ensino Médio, ela sempre quis ser uma pedagoga, fez o magistério, mas não prosseguiu nos estudos pela necessidade de trabalhar e porque não tinha incentivo familiar para permanecer estudando.

Meus pais vieram de Formosa-Goiás para Planaltina - Distrito Federal para trabalharem em mercado e três meses depois de casados, eles planejaram um filho. Minha mãe não fez ultrassom para saber de qual sexo eu seria, mas desde a mocidade o sonho dela era que sua filha se chamaria Andressa Kaliane. Quando criança me recordo bem que eu não gostava do meu nome e não sabia o motivo da minha mãe ter o escolhido para mim, com o amadurecimento e a adolescência, busquei informações do significado do meu nome, Andressa – que vem do latim e significa corajosa, mulher bela, dócil e delicada. Kaliane – que significa “deusa negra” / “deusa graciosa”, a partir daí comecei a amar meu nome. Nasci no dia 12 de julho de 1997, em Planaltina-Distrito Federal. Nós moramos em Planaltina-DF de 1997 até 2016, quando viemos para Formosa-GO, no período em que meu pai estava desempregado e encontrou emprego na cidade, onde permanecemos até o dado momento.

Minha escolarização sempre foi tranquila, me lembro de ser uma aluna sempre dedicada nos meus anos iniciais, adentrei na escola quando tinha 5 anos, minha mãe já havia me ensinado a escrever meu nome e me ajudava muito com as atividades escolares. Na época minha mãe trabalhava em mercado e nós fazíamos das sessões de arroz e feijão de mesas para estudo, ela me ajudava muito, sempre pegava no meu pé e sempre “tomava” os conteúdos das provas comigo. Eu era uma criança curiosa, tinha facilidade em aprender e de me relacionar com outras crianças. Eu já tinha contato com outras crianças antes de iniciar a escolarização, como minhas primas, e, uma delas – Nathália estudou comigo do jardim à 1º série, até hoje somos como irmãs uma para a outra.

Foi uma época muito boa, nossa escola tinha poucos alunos e todos eram muito próximos, me recordo que muitas vezes participarmos de peças de teatros e me lembro quando a professora gostava muito - Elézia, me ensinou balé para que eu fosse a bailarina do teatro, outra vez me recordo de apresentarmos dança country o que foi muito legal, sempre

gostei de dançar, a partir daí, muitas vezes assistindo programas de televisão me identificava com as dançarinas e queria muito ser uma delas quando crescesse. Várias vezes comemorei meu aniversário na escola com meus coleguinhas da época, minha mãe levava bolo e refrigerante e o dia se tornava mais que divertido. Tenho ótimas recordações nostálgicas dessa escola maravilhosa, até os dias de hoje, a diretora “Tia Ana” tem um carinho especial por mim.

Quando estava adentrando à 2º série, me lembro que me senti muito insegura, até porque me separei da minha considerada irmã, tomamos rumos diferentes, eu era uma criança muito tímida. Me lembro do meu pai ter me levado à escola somente no primeiro dia, depois eu ia sozinha, me sentia um pouco vulnerável, mas logo fiz amizade na nova escola também. Me recordo de sempre ser muito apegada as professoras, tinha um carinho muito grande por elas, as “Tias Cleonice’s”, que como muitas outras queridas professoras contribuíram para eu ser quem eu sou hoje. Fiquei nessa escola até a 4º série.

Me encontrei em uma fase diferenciada na minha vida, pois a minha mãe estava grávida e eu estava ganhando uma irmãzinha que iria mudar a minha vida, seria uma companhia, a que eu precisava, nesse momento de mudanças um pouco bruscas. Como toda criança, aos seis anos, eu sentia um pouco de ciúmes da minha irmã porque ela ainda era bebezinha e meus pais precisavam dar um pouco mais de atenção a ela pelas necessidades que demonstrava. Depois a nossa família foi se acostumando e fomos melhorando as dificuldades e carências amorosas que em um primeiro momento surgiram. Mais à frente, sendo aluna destaque na escola, as professoras sempre me pediam para que eu ajudasse os coleguinhas que precisavam, o que me instigou muito no sonho de ser uma professora quando crescesse, muitas vezes eu brincava de ser professora e ensinava a minha irmã e outras crianças mais novas do que eu em um quadro negro pequeno, amava aquele cheiro de giz e achava linda a minha letra.

Dirigindo-me para o Ensino Fundamental II, fui para outra instituição em que estudei da 5º até a 8º série, o que mais me marcou nessa época foram experiências ruins que passei nessa instituição, sofria muito bullying porque minha mãe trabalhava no comércio e eles me apelidavam com o nome do mercado e isso afetou até a minha aprendizagem, as minhas notas caíram à estaca zero. Não me sentia bem e confortável ao ir para a escola, muitas vezes pedi aos meus pais que me mudassem para outra instituição, mas eles queriam o melhor para mim e acreditavam que aquela escola seria a melhor opção para mim naquele momento. No tempo em que estava no último ano do Ensino Fundamental, me recordo de ter passado uma experiência muito forte na minha vida, quase reprovei, mas consegui superar, fiz aulas de

reforço.

No meu primeiro ano do Ensino Médio, finalmente mudei de escola e os momentos que lá passei foram muito bons, as minhas notas subiram muito, fiz muitas amizades que tenho comigo até hoje, os professores auxiliavam muito no que precisávamos, eles mostravam uma relação horizontal entre os alunos, eram professores que se preocupavam com os conteúdos ofertados para um futuro melhor para os alunos, mas também eram professores que sempre estavam à disposição de ajudar em problemas familiares, físicos, emocionais, etc. Na mesma época do Ensino Médio minha tia Cristina, uma segunda mãe para mim, pagou um ano de cursinho para que eu pudesse entrar na UnB, concluí o 3º ano no final de 2014, e adentrei na UnB no segundo semestre de 2015 pelo vestibular, ainda nessa época eu tinha dúvidas sobre quais cursos fazer, fiquei entre Psicologia e Pedagogia, depois o desejo de quando eu era criança em mim prevaleceu e optei pela Pedagogia, mas ainda sonho em ter um conhecimento mais profundo na área da Psicologia.

Começando uma nova etapa na minha vida, aquilo que constantemente sonhava enquanto o Ensino Médio ia percorrendo, sempre imaginei que um dia estaria em uma universidade pública, mas não sabia que seria tão próximo e real para mim, uma vez que eu não tinha preparação além do cursinho, nem imaginava que um dia iria fazer uma graduação, até porque meus pais não tinham condições de pagar um curso de graduação particular para mim. Com o curso que minha tia Cristina pagou, consegui me dedicar e entrar através do vestibular no curso do meu sonho – Pedagogia. Nos primeiros semestres fiz muitas amizades, algumas permaneceram outras se dissiparam, mas uma delas em especial Adriana, que conheci no início, Jéssica e Dayana que conheci na metade do curso.

Recordo de ter passado muitas dificuldades no início do curso, pois a UnB cobrava um amadurecimento que eu ainda não estava preparada, estava ainda em transição dessa etapa de Ensino Médio para a graduação, não tinha uma boa escrita como os professores cobravam dos alunos, e isso me deixou um pouco constrangida, outra dificuldade também enfrentada é que eu sempre fui tímida para falar em público, então, sempre nos seminários, as vezes eu não falava ou ficava muito nervosa ao falar e acabava atrapalhando tudo, eu sempre ficava com medo de prejudicar o grupo. Esses acontecimentos eram tão fortes para mim, que eu pensava em desistir do curso por essa tamanha dificuldade. Foi quando minha amiga Adriana, como sempre me dava forças, me apoiava em tudo me ajudou a confrontar esses bloqueios sempre quando surgisse essa dificuldade, para que eu pudesse pensar otimista e vê-los como desafios a serem encarados.

No decorrer dos semestres, fui conhecendo os vários pilares da Pedagogia, como ela

se consolidou, e eu fui cada vez mais me apaixonando pelo curso, uma das disciplinas dos primeiros semestres que me marcou foi a Oficina Vivencial, onde os estudantes e a professora puderam se conhecer melhor, saber das vivências, dos medos e aflições de cada um. Considero essa disciplina como uma terapia compartilhada, dentro de um turbilhão de coisas que transitavam de uma nova experiência que estava acontecendo naquele momento. Foi uma vivência única e intensa.

Nessas experiências, tive momentos cruciais que despertaram meu interesse na formação em educação especial, foram as disciplinas: O Educando com Necessidades Educacionais Especiais com a professora Fátima Vidal, e Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE com a professora Cleonice Machado, que são professoras que me inspiraram a aprofundar na área. Nessa mesma época fiz meus estágios obrigatórios Projetos 4.1 e Projeto 4.2, nas turmas do 2º ano do Ensino Fundamental I, supervisionados pela professora Maria Emília Gonzaga, nas salas das professoras Marília e Deise.

O primeiro estágio foi efetuado numa escola próximo à UnB, uma escola muito conhecida por abranger muitos estudantes autistas, pude presenciar experiências primordiais que iriam influenciar na escrita desse trabalho. Estaguei em duas salas ao mesmo tempo: a especial e a inclusiva, foi uma vivência muito importante para mim. Saber que eu já estava nessa etapa, com as vívidas experiências, apenas confirmou o que eu queria para minha profissão docente, foi a partir desse momento que passei a descobrir e a trilhar para o universo o que mais me instigava - a educação especial. No segundo estágio ocorreu na minha cidade, em Formosa, a turma era do 3º ano, dirigida pela professora Neiva. Eu estava dando um passo a mais, iria conhecer um pouco de como se desenvolve o processo da educação no meu Estado – Goiás, seria o momento de colocar as aprendizagens em prática. Juntamente com os alunos e a escola, foi muito desafiador, mas foi uma preparação que trouxe reflexões e gratificações.

Perpassando na disciplina obrigatória - Escolarização de Surdos e Libras que fiz com o professor Davi (professor surdo), quando percebi que tinha facilidade com os sinais, me provocou um fascínio pela Língua, me chamava a atenção, era algo diferente que despertou ao meu coração, então me deleitei na disciplina. Dois semestres depois, tive a abertura de me aproximar mais das pessoas surdas na disciplina - Tópicos Especiais em Prática Pedagógica (libras) com a professora Edeilce, foi quando quis aplicar-me mais ainda na área de meu interesse - Educação de Surdos, foi uma disciplina na qual vivi a oportunidade de entrevistar um estudante surdo, que a partir da mesma se alicerçou nossa amizade, hoje é meu amigo, Jeff Jefferson, aquele foi o momento determinante que as portas começaram a se abrir para um

amplo universo.

A partir dessa disciplina passei a ter mais conhecimento sobre a língua de sinais, sobre a cultura surda e aprendi a me comunicar com essas pessoas, o que me fez chegar até aqui, um desejo que impulsionou ao meu coração desde o segundo semestre, me inspirando nesse trabalho de final de curso. Por causa das aulas de Libras somada à amizade com Jeff que é estudante do curso de Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua da UnB, surgiu o interesse na temática da escolarização dos surdos e o seu processo para chegar até a universidade.

# PARTE II

## INTRODUÇÃO

Este trabalho procura trazer o sujeito surdo como ser que abrange uma valorização cultural com seus aspectos linguísticos, cognitivos, afetivos no âmbito familiar e dentro das instituições que os recebem com a perspectiva de olhar a pessoa surda como diferente e não deficiente e refletir sobre as práticas pedagógicas que são utilizadas na educação do surdo. Tudo que está ao redor do surdo, tudo que é importante para acessibilidade e relacionamento do surdo, sua família, profissionais intérpretes, professores da educação que são pessoas que devem estar presentes e lutando também, a fim de que ele possa estabelecer seus direitos na sociedade, são trazidas neste certame.

O ser surdo é apresentado como sujeito autônomo, cultural, capaz de pensar por si e por sua comunidade, compreende a importância do processo de aprendizagem para o sujeito surdo, onde são abordados diversos assuntos como comunidade e cultura surda, busca vê-lo a partir de suas competências linguísticas e cognitivas. O trabalho visa mostrar a alteridade do sujeito surdo, o contato com a sua cultura e com seus pares. Trazendo para dentro da educação a importância do bilinguismo para o surdo e como deve ocorrer esse processo.

Aqui trazemos reflexões sobre a escolarização de três alunos surdos do curso de Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua da Universidade de Brasília e com essa pesquisa o trabalho expõe as diversas maneiras de ser surdo e de compreender a particularidade de cada sujeito e como hoje o surdo vem se adaptando e modificando o seu meio para se desenvolver socialmente, mostrando o quanto o processo de educação que o vem transformando é significativo e a importância que esse processo reflete na sua vida.

Nessa linha, apresentamos a problemática deste trabalho:

**Problema de pesquisa:** a preocupação em saber como se constitui a escolarização de surdos que ingressam na UnB.

**Objetivo geral:** objetiva compreender a escolarização desses alunos surdos do curso de Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua da Universidade de Brasília.

**Objetivos específicos:** conhecer brevemente a história dos surdos; conhecer três alunos surdos do curso de Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua; e analisar a escolarização desses acadêmicos surdos até o ingresso na universidade.

## CAPÍTULO I

### 1. HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Por muitos anos os surdos foram considerados seres com capacidades intelectuais inferiores, a eles foram negadas a liberdade de se expressar por meio de sua língua nativa, a Língua de Sinais e eles foram, ainda, obrigados a se comunicarem somente por meio da linguagem oral. Com isso, os surdos foram forçados a se adequar à comunidade ouvinte e, conseqüentemente, a construção de suas identidades e cultura foram modificadas. Sabe-se que a história do povo surdo nunca foi de fato narrada com satisfação pelos surdos. Ser surdo sempre foi visto como um problema para a sociedade, pelo mundo a fora, os surdos sofreram diversas violências.

Durante uma longa trajetória de luta dos surdos em vários países, a educação para os surdos, no Brasil se consolidou em 1857, a partir de Ernest Huet, francês e professor surdo, influenciador da língua de sinais no Brasil, veio para o país, com a preocupação de uma nova educação para surdos, propôs uma escolarização diferenciada para os sujeitos surdos através do consentimento de Dom Pedro II. Huet implementou ideias para a educação de surdos no Brasil, visando uma proposta que seria favorável a língua nativa dos sujeitos surdos, com currículo embasado na língua de sinais e com este trabalho surgiu o que atualmente se dá por nome de Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES no Rio de Janeiro. A partir dessa implementação do INES, foram criadas muitas outras instituições no país com foco na educação de surdos.

Mais à frente, no Congresso Internacional de Milão, ocorrido em 1880, a metodologia oralista foi escolhida em detrimento da língua de sinais e os surdos foram proibidos de se comunicarem por meio de qualquer tipo de gesto. Nesse evento, não foi considerada a opinião dos surdos, já que as pessoas que dele participaram eram ouvintes. A comunidade surda foi desrespeitada durante muitos anos e lhe foi negada a possibilidade de se comunicar por meio da língua que eles dominavam.

Com a influência do congresso de Milão, em 1881 o INES sofreu um retrocesso com a proibição da língua de sinais. Na ideia de igualar os surdos em educação ouvinte, os surdos, censurados de expressarem sua identidade, cultura e educação, conseqüentemente tiveram aspectos cognitivos, linguísticos e afetivos bloqueados de desenvolverem. Com a padronização, essas pessoas sofreram e sofrem até hoje, não tendo o respeito por sua língua, pela sua cultura e pela diferença encontrada numa sociedade que busca apenas um modelo

padrão.

Naquela época os pais, uma vez que tinham um filho surdo, o escondia da sociedade por medo e insegurança, era considerado fora do normal, esse sujeito diferente não tinha a autonomia para ser quem ele era, visto que a classe dominante constantemente estava buscando a normalização desses sujeitos, buscando a cura dos mesmos, gerando conflitos identitários e culturais para o surdo.

Desde os séculos passados, muitas famílias que tinham algum parente surdo próximo, não tiveram conhecimento sobre a cultura das pessoas surdas. Quando descobriam a surdez, passavam por fases de frustração e de perda, hoje, ainda vemos o mesmo retrato, visto que no Brasil ainda é muito recente o reconhecimento da língua de sinais, sendo vista pela Lei apenas no ano de 2002. Falta aos pais das crianças surdas orientação dos profissionais da área da educação especial para saber quais tipos de educação são possíveis para o seu filho surdo. Então, o primeiro contato e apoio que os pais têm, é a medicina e na visão médica, o mais ideal é que a criança surda comece a usar prótese auditiva, para que ela venha se aproximar ao que é considerado padrão, ou seja, ouvir. Thoma (2016) relata que:

Nos últimos anos, o governo federal tem feito investimentos na população surda que visam a promover condições de normalização biopolítica. Tais investimentos resultam de discursos da ordem dos direitos humanos que são utilizados ora para argumentar a favor do uso e difusão da língua de sinais, ora para argumentar a favor do uso de tecnologias de correção - como próteses auditivas, entre as quais, os implantes cocleares ganham destaque -, com vistas ao apagamento da diferença surda. (THOMA, 2016, n.p).

Muitas vezes os pais de crianças surdas não têm contato com outros pais na mesma condição e que já passaram pelas mesmas situações para saber como é a experiência, como estes conseguem se comunicar com o filho surdo e perceber que o sujeito surdo leva uma vida comum. Os pais não têm conhecimento de que a Libras é a língua que mais favorece a comunicação para as pessoas surdas, então, passam por momentos de medo de não saber se comunicar com o filho surdo, de achar que ele seja incapaz de se desenvolver sem ouvir, medo do preconceito da sociedade, medo do filho ser diferente, o que coopera para que a decisão pese para a opção médica e de possível cura, “[...]as decisões da família dependem das orientações médicas, que nunca são favoráveis às línguas de sinais, havendo uma ênfase na afirmação da língua de sinais como impeditivo do aprendizado da língua oral.”(VIEIRA-MACHADO; LOPES, 2016, n.p).

Com o início da escolarização dos surdos e paralelamente com a perspectiva da medicina, os responsáveis pela criança surda começam a decidir qual educação investir em

seu filho. A partir daqui é que começa a busca intensa dos pais e de como e qual a melhor educação proporcionar e para qual escola deve ser conduzida essa escolarização para o seu filho surdo. É importante que os pais pesquisem e busquem orientação sobre qual tipo de escola é mais favorável para seu filho.

É importante que a criança surda, desde pequena, tenha o contato com a língua de sinais, pois essa criança assim que adentrar a escola, a língua de sinais irá favorecer a aprendizagem da leitura e escrita. É importante também que os pais entendam que a comunicação visual é o instrumento do surdo para descobrir o mundo ao seu redor, por isso a importância de os pais sempre acompanharem o filho, terem um atendimento especial com a equipe multidisciplinar para que os profissionais possam explicar aos pais que estão diante de uma cultura diferente da ouvinte.

É possível aos pais se agregarem a essa cultura diferente e de terem o conhecimento da história, das lutas, das associações, dos direitos e de participarem da comunidade surda, percebendo que a língua de sinais é a língua natural do seu filho e que os sujeitos surdos a utilizam para se comunicarem e que a partir da língua de sinais os pais conseguem se comunicar com a criança e aplicá-la no cotidiano, entendendo que o surdo é capaz de se desenvolver em todos os seus aspectos, como afirma Quadros (1997):

A família deve conhecer detalhadamente a proposta para engajar-se adequadamente. Os profissionais que assumem a função de passarem as informações necessárias aos pais devem estar preparados para explicar que existe uma comunicação visual (a língua de sinais) que é adequada a criança surda, que essa língua permite a criança ter um desenvolvimento da linguagem análogo ao de crianças que ouvem, que essa criança pode ver, sentir, tocar e descobrir o mundo a sua volta sem problemas que existem comunidades de surdos; enfim, devem estar preparados para explicar aos pais que eles não estão diante de uma tragédia, mas diante de uma outra forma de comunicar que envolve uma cultura e uma língua visual-espacial. Deve-se garantir a família a oportunidade de aprender sobre a comunidade surda e a língua de sinais. (QUADROS, 1997, p. 29).

Para que a criança surda se reconheça como indivíduo de cultura e com aspectos linguísticos de uma cultura diferente do ouvinte<sup>1</sup> e tenha a sua identidade construída, é importante que ela tenha contato com seus pares surdos, que participe não tardiamente, de eventos da comunidade surda, vivenciando esse momento de reconhecimento com outros surdos. Nesse mesmo pensamento, daremos continuidade no próximo tópico sobre como se

---

<sup>1</sup> Uma cultura diferente do ouvinte, que diz respeito ao ouvintismo, [...]por exemplo, está no terreno, mais como denúncia contra toda política de obrigação a copiar identidades, de objetivação visando curar, normalizar, copiar a mesmidade no surdo, tendo por modelo o ouvinte. (Perlin, 2003 p. 35)

consolidou a educação de surdos no Brasil e como o sujeito surdo se desenvolve dentro dessa educação.

## **1.2 EDUCAÇÃO DO SUJEITO SURDO NO BRASIL**

As diversas lutas surdas no Brasil e movimentos em busca de direitos para uma melhor educação para surdos e para mais espaços na sociedade trouxeram novas concepções de representações da comunidade surda. Reuniões iniciadas nos anos 90, desenvolveram propostas de ações pela comunidade surda, com mudanças principalmente em questões das práticas pedagógicas que seriam fundamentadas na cultura, na necessidade e na maneira do ser surdo.

A partir dos anos 90, em que, no Brasil, esse movimento mais teve significado, sobre as propostas de mudanças reconhecidas e articuladas pelos surdos, chegou-se ao entendimento de que o mais adequado para o povo surdo, é que a língua de sinais deveria prevalecer na sua comunidade como principal característica dos surdos, como respeito à maneira do surdo de ver e ler o mundo, reconhecendo sua identidade a partir da valorização de sua língua. Segundo Quadros (1997):

As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivam das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística. (QUADROS, 1997, p. 47).

Por muito tempo os surdos viveram uma identidade respaldada no ouvinte, hoje, com o resultado de muitas lutas e persistências, os surdos buscam se reconhecer como pessoas diferentes do grupo majoritário, o dos ouvintes, valorizando seus aspectos culturais, linguísticos, sociais, afetivos, etc. Com essas lutas, também vieram a busca pelo direito de professores surdos atuarem em salas de aula, a fim de que, esses tenham a autonomia de repassarem e ensinarem sua própria língua ao mundo, sendo a língua de sinais a ferramenta de poder e representação dos surdos na sociedade.

Assim, nesse grande passo que ainda é muito limitado pela sociedade ouvinte, hoje os surdos conseguiram conquistar parcialmente os seus direitos que, de certa forma, ainda são negados pela cultura ouvintista, pois ainda não houve totalmente a quebra de paradigmas entre surdos e ouvintes, uma vez que é necessário que os surdos estejam a frente para tomada de decisões e na busca desses leques sobre a comunidade surda, para refletirem em mais

propostas que vão potencializar uma cultura autônoma para chegarem em mais possibilidades de acessos, suprimindo as necessidades de uma cultura nas questões políticas e sociais. Por isto é importante também, que os ouvintes apoiem os surdos nas propostas que eles almejam, para que assim, ambos estejam empenhados num mesmo propósito - o direito do surdo ser quem ele é nos espaços da sociedade.

A educação de surdos vem crescendo com o passar do tempo, passando por longos processos de transformação. Atualmente, a língua de sinais é aceita em diversos países. Hoje, no Brasil, as conquistas dos surdos sobre Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e o decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005 advindos de muitas lutas, asseguram a educação de surdos no Brasil, sua identidade e cultura. Com as propostas de educação para pessoas surdas, trazem algumas opções de escolarização são elas: as escolas inclusivas e bilíngues.

As escolas inclusivas foram criadas com o objetivo de valorizar as diferenças dos alunos, com direito a intérprete para os alunos surdos e com currículos que deveriam ser sensíveis a necessidade do estudante, buscam agregar a pessoa com deficiência junto às pessoas sem deficiência com o intuito de compartilhar as diferenças na sala de aula, trabalhando neste espaço juntamente com a escola regular e o Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contraturno da escola regular. Mas infelizmente, hoje, nas instituições escolares:

A condição de deficiência evidencia uma situação de desvantagem só compreensível numa situação relacional ou em consideração a um outro: desvantagens, incapacidades ou deficiências são consideradas sempre na relação do indivíduo portador de tais características com os seus pares de convivência. (SILVA, 2006, n.p).

Quando não ressaltada a diferença do aluno, fica possível notar uma instituição que é vista com uma proposta que realça a deficiência e não a diferença, trazendo uma perspectiva que disfarça a ideia de inclusão como deficiência para destacar a adaptação dos que não estão dentro dos padrões aceitos pela sociedade, instituída através de uma teoria bem formulada.

A escola inclusiva não é vista, poderíamos dizer por grande parte da comunidade surda, como a melhor proposta de educação para o surdo. Quando refletido sobre a cultura surda, mostra que não tem um currículo que seja fundamentado na cultura que o surdo vivencia, ou seja, para a comunidade surda a inclusão pode ter como enfoque uma teoria que almeja sempre tirar o surdo das margens, mas na prática, acaba buscando uma normalização do sujeito surdo. A inclusão tem a visão do aluno surdo como sujeito deficiente e não

diferente, e, raramente a ideia da política inclusiva fornece o necessário ao aluno surdo como intérprete na sala de aula, como afirmam Thoma e Klein (2010):

Apesar dessas conquistas, a Educação de Surdos no Brasil corre o risco de manter as práticas excludentes do passado. Embora ela não seja mais orientada pelas práticas de oralização, continuamos presenciando a imposição da língua e da cultura ouvinte através da Política de Inclusão, que, em seus textos, contempla a garantia de acesso a língua de sinais pelas crianças surdas, a presença de tradutores-intérpretes em turmas de inclusão ou a fluência na língua de sinais dos professores ouvintes que trabalham com alunos surdos. Porém, essas prerrogativas não são garantidas, uma vez que não são criadas condições efetivas pelos gestores da Educação. (THOMA; KLEIN, 2010, p. 120).

Assim como a educação inclusiva, antigamente nas escolas especiais, os alunos surdos eram agrupados com alunos com outras deficiências, colocavam os alunos nas classes especiais vendo-os como algo negativo e fora do padrão. Para a comunidade surda de um modo geral, o sujeito surdo não é reconhecido como deficiente, mas como sujeito que se destaca na sua diferença: cultura, língua e identidade. Dessa forma, o propósito da educação inclusiva pode acarretar em um prejuízo para o aprendizado do sujeito surdo, uma vez que ela não ressalta a identidade surda que se diferencia da ouvintista.

Destacamos que a identidade surda carrega marcas, aspectos culturais e língua visuo espacial, que são as línguas de sinais. Quando há nas escolas a inserção do sujeito surdo dentro de uma perspectiva ouvinte como ocorre frequentemente nas escolas inclusivas, pode suceder que o sujeito surdo carregue com isso as características de uma cultura que venha a causar um prejuízo a sua individualidade e a alteridade. De acordo com Klein e Formozo (2009):

As políticas de inclusão que preveem que os surdos sejam inseridos em turmas de ouvintes não estabelecem a experiência visual como principal marca da cultura surda. Muito mais que discutir aspectos da inclusão escolar, consideramos importante discutir um currículo que potencialize as diferenças surdas nos espaços escolares e que possibilite estratégias para a inclusão social que depende do reconhecimento e da divulgação da língua de sinais, da formação de intérpretes e professores capacitados para atender esses alunos, potencializando a participação cidadã desses na sociedade. (KLEIN; FORMOZO, 2009, p. 215).

No momento em que a instituição escolar considera significativo apenas um saber, o grupo majoritário se sobressai pelo grupo minoritário. Quando há essa imposição desse saber sobre o outro, traz a não aceitação no ambiente escolar, retraindo a diversidade e a pluralidade linguística, porque a instituição considera apenas um modo de aprendizagem e conhecimento.

Essa situação, acarreta frequentemente a discriminação entre esses grupos menos

favorecidos, dizendo-se a respeito de deficiência ou culturas ditas diferentes para aquela sociedade. Ser considerado diferente numa sociedade padrão hoje é ser rotulado como algo deteriorado e não como diferença cultural, o diferente precisa se adaptar a classe dominante para ser incluído na sociedade.

É importante ressaltarmos que no presente trabalho, não estamos insinuando que a escola inclusiva não cooperou para a aprendizagem dos alunos surdos, mas estamos aqui refletindo sobre as consequências que trazem para os sujeitos dessa cultura quando numa instituição inclusiva essa cultura se torna indiferente perante a outra. E, estamos aqui propondo reflexões sobre novas abordagens de ensino, pois, com os estudos mais atuais e principalmente com as opiniões de professores surdos, estudantes, pesquisadores surdos em suas próprias áreas, eles reconhecem que precisam de uma nova pedagogia que compreenda a sua cultura.

O bilinguismo com muitas lutas em favor dos surdos, pode ser visto como mais favorável para a educação dos surdos hoje no Brasil, adotado para que o surdo possa interagir e aprender na língua de sinais como sua primeira língua (L1), e, escrever no português como sua segunda língua (L2). O bilinguismo pode ser considerado como a utilização de diversas línguas em diferentes contextos sociais sendo estes agregados em 2 ou mais línguas. Na visão de Quadros (1997):

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança suas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. (QUADROS, 1997, p. 27).

Uma vez que a escola é “estruturada” para ouvintes, os pesquisadores mostram a necessidade de políticas educacionais específicas para os surdos, com a necessidade de olhar a cultura da comunidade surda com características singulares de outras culturas, refletindo que o surdo refaz e ressignifica o mundo e suas experiências a partir da percepção visual. Importando que os surdos têm uma língua visuoespacial, é necessária uma reestruturação escolar e pedagógica. “A questão da língua implica mudanças na arquitetura, nos espaços, nas formas de interação, nas formações de professores bilíngues, de professores surdos e de intérpretes de língua de sinais” (QUADROS, 2005, n.p).

O currículo de uma educação para surdos precisa ser respeitado e criado a partir das perspectivas das pessoas surdas dando liberdade para elas dizerem como deve ser feita essa educação, sabendo que essa proposta deve ser projetada a partir das histórias da comunidade

surda. Sabemos que há muito tempo as associações de surdos vêm lutando a fim de conquistarem seus direitos dentro da sociedade.

Se olharmos a surdez a partir da ótica ouvintista, é claro que veremos os sujeitos surdos como carentes de audição, ou como pessoas que nasceram imperfeitas, em contrapartida, devemos olhá-los como pessoas políticas que constroem sua cultura e saberes numa perspectiva sociocultural. Por outro viés, a surdez não é um impedimento da aprendizagem e do desenvolvimento do ser surdo, são experiências individuais vividas culturalmente e socialmente a partir do ser surdo, pois, o surdo tem potencialidades e principalmente uma língua para se expressar. A comunidade surda deve ser representada por ela mesma e não por ouvintes que acreditam saberem o que seja melhor para os sujeitos surdos. Não estamos dizendo que os ouvintes não possam lutar a favor da comunidade surda, até porque eles fazem parte desta comunidade (são familiares, intérpretes, professores, amigos, etc.), mas estamos realçando a importância de a comunidade surda ser a voz na criação de políticas linguísticas.

Se vemos os sujeitos surdos como pessoas inferiorizadas e como pessoas que são prejudicadas por nascerem surdas, logo mostraremos a face de uma sociedade que não busca formular, criar, pensar, refletir sobre outras formas de ser no mundo, para além do padrão imposto. A surdez é para além daquilo que falta ao surdo, ou seja, a audição, e sim deve ser olhada a sua história e marcas dos sujeitos surdos e por isso ela deve ser valorizada não apenas por sua comunidade porque a nomeação ser surdo está ligado para além de uma cultura, de uma política, pois é parte constituinte do nosso país.

### **1.3 CULTURA E IDENTIDADE SURDA**

A cultura e identidade surda é uma constituição mesclada, mas há uma característica que no meio de toda essa múltipla diversidade se destaca - o aspecto visual, que se mostra importante para os surdos, em razão de que sua língua é expressa a partir da visão (os olhos são seus ouvidos). “O povo surdo deve sobressair-se pelo seu modo de viver, seus costumes, sua diferença, seus elementos simbólicos, seus ritos” (PERLIN, 2003, p. 124). A ideia do bilinguismo que provoca mudanças em pontos políticos, culturais e sociais na educação de surdos, traz a compreensão da necessidade de um novo currículo para os surdos dentro de uma cultura visuoespacial, para que o surdo tenha acesso com direito aos conteúdos propícios a pessoas surdas e também o direito de serem reconhecidos em termos linguísticos.

Segundo Quadros (1997, p. 27) “A língua portuguesa não será a língua que acionará

naturalmente o dispositivo devido, à falta de audição da criança. Essa criança até poderá vir a adquirir essa língua, mas nunca de forma natural e espontânea, como ocorre com a libras”. Isto quer dizer que quando as políticas educacionais firmadas em uma educação ouvinte, totalmente distante de uma estratégia pedagógica para a educação de surdos, há a negação dos direitos das pessoas surdas de aprenderem conforme seus aspectos linguísticos e culturais.

Por isso, é importante que o surdo esteja a par, que ele tem direito e espaço na sociedade para se posicionar sobre a melhor educação que deseja obter e os professores, principalmente, numa sociedade que ainda os profissionais ouvintes prevalecem, é preciso reconhecer que a língua natural do surdo - a língua de sinais deve ser contemplada juntamente com a sua cultura. É preciso modificar um ensino tradicional que é baseado numa educação ouvintista para valorizar a especificidade que o surdo tem, mudando os mecanismos de uma educação convencional dos ouvintes para uma educação que vai beneficiar os sujeitos surdos, passando a alicerçar o bilinguismo aditivo<sup>2</sup> fundamentado e fortificado na estrutura política como direito das pessoas surdas.

Nos inspirando na tese de Perlin (2003) que fala que muito antes das oficiais reuniões que estão presentes na história dos surdos, como quando em Paris, já haviam percebido pelos surdos, que essa comunidade carregava uma diferença em seus aspectos, já haviam buscado significados referenciais para estabelecerem a particularidade de sua cultura, o que traz essa bagagem nos dias de hoje na vida das pessoas surdas. A raiz histórica do povo surdo, que surgiu há muitos anos e que de início foram se agregando poucos surdos, num mesmo consenso por serem pares que se reconheciam e buscavam semelhanças em símbolos e encontravam suas identidades a partir do outro.

A comunidade surda, como qualquer outra cultura está constantemente reconstruindo significados, estabelecendo maneiras de desenvolver projetos que vão agregar - o que em seu meio cultural, social e político. Quando o surdo não conhece as raízes de sua cultura, quando ele não sabe como se efetuou essa identidade surda, quando ele não tem o encontro com seus pares e também não se sente pertencente a comunidade ouvinte, isso acaba fazendo com que os surdos não tenham uma identidade definida.

Perlin (2003) também retrata sobre a alteridade do surdo, de o próprio se reconhecer e poder relatar a sua história se vendo como sujeito de uma cultura específica, a partir do ser surdo e dos seus aspectos culturais nas relações de poder e da comunidade surda tanto como

---

<sup>2</sup> Quando se adquire a segunda língua sem perder a competência da língua materna.

as outras culturas, não recorrendo as semelhanças, mas reconhecendo a diferença como concepção de identidade individual, Perlin (2003) diz:

A individuação do surdo se socorre em um momento de deslocamento. É um incidente instantâneo, um movimento pulsional. Em nosso tempo, o processo de fixação do sujeito como surdo se abre lateralmente. Ele se joga de volta sobre a significância de sua diferença. Ele retorna como outro, o diferente, a alteridade. Diz-se que não é o conceito que dele fizeram, mas o conceito que ele faz de si mesmo. O retorno do surdo acontece quando ele liberta-se das amarras do colonialismo, das proposições de narrar-se como ouvinte, das propostas intersubjetivas de ambos. É então o afastamento, um colocar-se no além, no horizonte. (PERLIN, 2003, p. 118).

O ser surdo como identificação e autonomia de um povo, assim como os ouvintes têm suas relações de poder por meio de organização culturais, o povo surdo também estabelece essa aptidão nas artes, na política, na sua língua, na sua performance, eles vão se desenvolvendo conforme os aspectos que estão dentro da sua cultura. O sujeito surdo e a cultura surda representam-se nos diversos espaços, construídos através das relações com seus pares, em seus correspondentes ambientes de locomoção.

Existe uma cultura surda construída nas relações de poder que se dão no interior das comunidades surdas. Essa cultura produz identidades surdas e os membros dessas comunidades constroem seus significados a respeito do mundo através da experiência visual. Outro espaço de construção da cultura surda é a escola, pelo fato de ser um local de encontro que possibilita processos de identificação entre os sujeitos. (KLEIN; FORMOZO, 2009, p. 214).

Assim, nos espaços escolares, o ser surdo tem mais possibilidades de difundir sua identidade, desde que na instituição ele consiga desenvolver o contato com pessoas de mesma cultura e aspectos similares. É importante ressaltarmos que para o surdo, no caso de não ter contato com pessoas de sua cultura, há mais probabilidade de que possa ser prejudicado o seu desenvolvimento linguístico, afetivo, social, entre outros, mas também, não estamos referindo que se o surdo não tiver contato com sua cultura, esteja impossibilitado de se desenvolver por si só.

Por muito tempo a cultura dominante tentou fazer com que a identidade da comunidade surda se desvanecesse. Essa realidade vivida por muitos sujeitos que são vistos pelo mundo com um olhar deficiente e aqui trazemos o exemplo dos sujeitos surdos, às vezes transgredindo condutas esperadas pela sociedade, nos mostra que ainda há muito a ser modificado, isso ocorre desde quando colocamos pessoas que são diferentes do que esperamos que eles sejam, buscando sempre reabilitá-los, não olhando como pessoas suficientes, pessoas de possibilidades, pessoas de diferentes maneiras de existir, vendo-os

apenas como ser de déficit, incluindo também as pessoas surdas que ainda são enxergadas a partir dessa percepção.

Assim, os surdos permanecem vivendo numa sociedade em que são muito estereotipados pela cultura superior, são tidos como deficientes, seres incapazes de aprender e de socializar. Em decorrência das marcas do ouvinte sobre o surdo e a influência do ouvinte ao desconsiderar uma comunidade diferente da sua.

Desde o capitalismo advindo do século XVIII em diante, a medicina atrelada ao capitalismo, apontava buscas para “curas” dos sujeitos que estavam fora da normalidade social, visando obter uma padronização corporal para produção do trabalho. Para essa nova perspectiva de ver a necessidade que o produto requeria, era preciso formular um novo ser humano que fosse adequado a esse produto. O objetivo era investir nos pobres e na minoria para que esses pensassem que estavam conquistando empregos, obtendo melhorias políticas, educacionais e sociais, dentro de sua classe social, Lunardi (2004) retrata:

Pensando que a medicina social é uma estratégia biopolítica e que o corpo social é o alvo de ação desse poder, poderíamos dizer que essa é uma medicina, principalmente a partir do século XIX, do controle da saúde e do corpo das classes mais pobres para torna-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas. (LUNARDI, 2004, p. 19-20).

Assim, a medicina e o capitalismo adentraram em todos os espaços onde pudessem colocar protótipos a fim de normalizar as pessoas das classes inferiores como pessoas preparadas para conviver na sociedade, pois até então essas pessoas eram identificadas como perigosas para sociedade e nomeadas como selvagens e incapazes de serem civilizadas, com isso as diversas intuições surgem para tratar, medicalizar, “curar”, reabilitar e retificar o sujeito errado, segundo a visão da medicina.

Com o acento nas práticas de reeducação e reabilitação, vê-se acionar um domínio do normativo, do regular, do que se encontra em conformidade à norma. Segundo essa normatividade, característica das práticas modernas, amplos e minuciosos processos são colocados em movimento para incorporar todas as crianças que não conduzem suas ações de acordo com esses imperativos modernos. Um desses processos diz respeito à promulgada escola pública obrigatória, que se apresenta equipada com toda uma série de aparatos específicos de normalização. A escola surge como um espaço de regulação da possível periculosidade infantil através da inserção normalizadora possibilitada pelo seu uso estratégico como maquinaria de controle social. (LUNARDI, 2004, p. 28-29).

Dentre essas classes inferiores encontravam-se as pessoas rotuladas como deficientes. “Deficiência com...” “deficiência em”, são rótulos que a humanidade vem criando com diversos grupos e espaços para que o sujeito se encaixe em algum que seja apropriado para ter o atendimento adequado, para que estes possam ser habilitados para conviverem na sociedade, respeitando a ética a moral e a padronização que a sociedade constantemente cobra do indivíduo.

Muitas pessoas que desconhecem sobre os sujeitos surdos, ficam constrangidas por exemplo ao chamarem um surdo por surdo, mostra-se algo que conforme a visão delas, a pessoa ser surda significa ser pior do que pessoa com deficiência, ou deficiente auditivo, parece estar relacionado a uma doença que deve ser discretamente dita, pensa-se que a surdez é a incapacidade de se comunicar assimilando ao retardo no seu desenvolvimento.

Por exemplo: o surdo está numa fila e o ouvinte que chega atrás e pergunta se tal fila vai para tal lugar e o surdo em língua de sinais responde – “eu sou surdo”, o ouvinte que não discerne que ser surdo é fazer parte de uma cultura e que surdo tem sua identidade, responde com um “ah...” de decepção, de luto pelo surdo. O surdo vai perceber aquilo como, “mas como assim? Essa pessoa me percebe com o olhar de insuficiência, com olhar de dó!” Como se ser sujeito surdo fosse ausência de capacidade, alteridade, identidade.

A comunidade surda há muito tempo vem lutando por direitos políticos, pela sua forma de ser, de se identificar e de reconhecer o outro como pertencente de sua cultura, ela vem combatendo para que a surdez não seja considerada como doença, como a falta de algo, que ela não seja comparada a partir da cultura ouvintista, ou como algo que sofreu defeito – a de ser surdo, a comunidade vem se empenhando para que sua cultura seja reconhecida como grupo cultural.

As pessoas surdas, quando engajadas em movimentos surdos, estão lutando pelo direito de se auto-representarem como sujeitos culturais. A noção de pertencimento a um grupo que se autodenomina de surdo é uma conquista que muitos sujeitos já conseguiram em diferentes lugares não só do Brasil como também do mundo. (LOPES, 2004, p. 38).

É fundamental que a cultura surda consiga se representar na sociedade, por isso os surdos precisam proferir sobre eles próprios, para que outros grupos não limite a cultura do surdo e a sua identidade, que a diferencia de outros grupos culturais e que vai se modificando conforme suas necessidades. Perlin, em *A Invenção da Surdez* (2004), ressalta sobre o país valorizar apenas uma cultura, quando a sociedade apenas percebe uma cultura como determinante na vida do sujeito, a consequência reflete no deixar de lado outras culturas,

relata que o dominante é quem diz que o subalterno deve ser, influenciando até o próprio inferior a se ver a partir dos olhos de seu dominador.

No caso, temos uma cultura hegemônica e, se essa cultura toma para si a tarefa de descrever a outra cultura surda e dizer como a outra supostamente é, corre o risco de colocar a cultura surda sob posições próprias – por exemplo, o surdo não oraliza, não sabe escrever – ou mesmo incluir estereótipos, conceitos que encapsulam aspectos culturais, ou ainda propor a presença de culturas híbridas. (PERLIN, 2004, p. 74).

Hoje, o sujeito surdo está se desviando da cultura padrão “A cultura é então a diferença que contém a prática social dos surdos e que comunica um significado” (PERLIN, 2004, p. 77). Então, a comunidade surda busca se conhecer como grupo potencializador e independente para conduzir sua comunidade política para criar suas maneiras de ser dentro da sociedade.

Klein ressalta a importância de identificar a comunidade surda como cultura diferente e não como diversidade, pois “A diversidade parte do reconhecimento, da aceitação, da tolerância para com o outro. Ou seja, alguém hospeda, tolerantemente, o outro em seu espaço.” (KLEIN, 2004 p. 88). Em outras palavras, dar lugar a diversidade ao invés de prezar pela diferença, é não perceber a devida importância que a cultura traz consigo historicamente, socialmente e politicamente, para mudar esse quadro, é necessário que a política surda tenha o seu lugar respeitado para modificar os espaços de transição, obtendo um elo pedagógico que há de aperfeiçoar em seus aspectos linguísticos, relacionais, culturais e ideológicos, levando em consideração as especificidades que abarcam a identidade dos sujeitos surdos.

Ainda hoje, a comunidade surda vem constantemente lutando, a fim de obter melhorias no mercado de trabalho, na educação, na sua cultura, lutando por seus direitos, continua buscando por seu espaço na sociedade, buscando igualdade com o ouvinte no mercado de trabalho, até que seja totalmente correspondida a fim de transitar como cidadãos plenos.

É importante ressaltarmos que em decorrência de tantas lutas dos surdos e também sobre a homologação de leis, as pessoas surdas ainda continuam não tendo os seus devidos direitos na prática, pois a política surda e a educação vão além de obter tradutores e intérpretes de libras na sala de aula, importa que não só tenha intérpretes no ambiente educacional, mas que também, assim como estamos descrevendo desde o início do texto, ressaltando sobre a importância do currículo de ensino para pessoas surdas que precisa ser alicerçado sobre as estratégias de uma pedagogia surda.

Que essa pedagogia seja constituída conforme a cultura, seus aspectos linguísticos, sociais, educacionais, e, formulada a partir de buscas de estratégias para utilizar métodos de ensino, para que a aprendizagem faça sentido para a comunidade surda. Segundo Quadros (1997, p. 29) “As realidades psicossocial, cultural e linguística devem ser consideradas pelos profissionais ao se propor o bilinguismo.” E, o sujeito surdo consiga se desenvolver com sua própria identidade e cultura plenamente, como a lei assegura, em seus aspectos culturais, sociais e cognitivos, na interação com o outro, por isso é importante que a libras, a política surda, a sua comunidade, tenha o seu reconhecimento também por outros grupos, considerando que é uma cultura que está inserida na sociedade brasileira.

No capítulo seguinte, falaremos como ocorreu a pesquisa realizada.

## CAPÍTULO II

### 2. METODOLOGIA

A consecutiva pesquisa é de estudo qualitativo que vem com o objetivo de averiguar, conhecer e refletir sobre a educação de surdos. Para a estrutura deste certame, com os objetivos propostos neste trabalho, foram realizados estudos bibliográficos de diferentes teóricos que interpelam na área da educação de surdos.

A intenção deste trabalho respalda-se na elaboração e realização de entrevista com três (3) sujeitos surdos estudantes do curso de Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua. Nesse caso, é realizada a transcrição total das falas dos entrevistados e em seguida analisadas.

É um trabalho que não contém comparação de sujeitos, pois queremos aqui trazer um pouco da experiência de escolarização de cada um que fizeram parte da entrevista, conforme suas maneiras de aprender e de dar sentido a aprendizagem, portanto, a intenção do trabalho é relacionar as falas dos entrevistados com os autores que aqui estão presentes, para constituir reflexões a serem discutidas na perspectiva da educação de surdos.

Foram utilizados como referencial teórico Botelho (2016), Vieira-Machado e Lopes (2016), Klein e Formozo (2009), Quadros (1997) (2005), que trazem novas perspectivas na educação de surdos abordando o bilinguismo e a aquisição da linguagem. Thoma (2016), Thoma e Klein (2010) que nos mostram possibilidades de políticas que favorecem a educação de surdos as quais tiveram grande participação nas discussões discorridas neste trabalho.

Para o destrinchar histórico da surdez, foram utilizadas as autoras Thoma e Lopes (2004) e Perlin (2003) que retrata a surdez como autônoma, com o vislumbre retomado para uma cultura politicamente com identidade singular. Foi aproveitado o estudo bibliográfico de Glat (2007) para compreender mais sobre a ideia da educação inclusiva para os surdos.

Os procedimentos de análise usados nos dados da pesquisa, foram autores como Skliar (2001) e Kuchenbecker (2005) Kuchenbecker e Cruz (2007) e outros que foram expostos no trabalho, que contribuíram com os resultados e reflexões da pesquisa. Cada resultado dessa pesquisa será analisado a partir das reflexões embasadas nos estudos produzidos por todos autores aqui citados.

#### 2.1 Participantes pesquisados

Como sujeitos de estudo, foram escolhidos para esta pesquisa três (3) participantes alunos surdos do curso Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua (LSB-

PSL) da Universidade de Brasília, dois (dois) com surdez profunda e um (1) com surdez moderada, todos são os únicos sujeitos surdos da família. Os participantes foram abordados pessoalmente por ter um vínculo de amizade com a pesquisadora a partir do curso de Pedagogia, e, com a autorização<sup>3</sup> de todos realizamos esta pesquisa.

## **2.2 Instrumentos e materiais**

Foi aplicado como instrumento para coleta de dados, a tecnologia por via WhatsApp (videogravação através do celular), apenas com 1 (um) surdo. Usamos a partir de perguntas e respostas enviadas por vídeo, em que a entrevista foi feita em língua de sinais, na qual, a orientadora Liège verificou as perguntas e respostas dos vídeos enviados. Quanto aos outros dois (2) surdos, a entrevista foi feita pessoalmente e as respostas dos entrevistados foram gravados pela entrevistadora para serem confirmadas pela orientadora Liège. Todas as entrevistas foram transcritas para o português e o nome utilizado para identificar os alunos surdos são fictícios. Para o entrevistado um (1) daremos o nome de Pedro, para o entrevistado dois (2) Carlos, para o entrevistado três (3) Daniel.

## **2.3 Procedimentos para produção dos dados**

A produção de dados foi realizada a partir de uma pesquisa qualitativa com roteiro de entrevista com 7 perguntas. As perguntas diziam respeito a alfabetização dos surdos e de como ocorreu a escolarização do percurso de ensino e aprendizagem até a universidade. Com o intuito de compreender as dificuldades e os sucessos encontrados frequentemente em suas trajetórias. A seguir o procedimento da pesquisa com o primeiro surdo em via WhatsApp:

1. Elaboração das perguntas que adveio dos pressupostos teóricos do trabalho.
2. Encontro informal para conversar sobre a participação da entrevista.
3. Gravação em vídeo sinalizado com cada pergunta por vez. A pesquisadora sinalizou as perguntas.
4. Recebimento das respostas uma pergunta por vez.
5. Transcrição dos vídeos de cada resposta pela pesquisadora.
6. Averiguação da orientadora sobre a respectiva entrevista.
7. Análise dos dados conforme o referencial teórico.

A seguir o procedimento da pesquisa com os outros dois (2) surdos:

---

<sup>3</sup> Ver anexo.

1. Elaboração das perguntas que adveio dos pressupostos teóricos do trabalho.
2. Encontro informal para conversar sobre a participação da entrevista.
3. Perguntas feitas pela entrevistadora pessoalmente.
4. Gravação em vídeo dos surdos respondendo às perguntas.
5. Transcrição dos vídeos de cada resposta.
6. Averiguação da orientadora sobre as respectivas entrevistas.
7. Análise dos dados conforme o referencial teórico.

#### **2.4 Roteiro de entrevista**

1. Em que tipo de escola você estudou? Inclusiva, bilíngue? Tinha intérprete?
2. Os professores usavam a língua de sinais para se comunicar? Quais eram as estratégias de ensino que eles aplicavam para ensinar?
3. Teve apoio da família?
4. Como ocorreu o seu aprendizado 1º, 2º, 3º, 4º séries? Reprovou em alguma série?
5. Teve dificuldade na aprendizagem?
6. Na escola como era o contato com outras crianças surdas e ouvintes?
7. E o curso Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua, foi difícil chegar até aqui na UNB? Teve incentivo da escola, família?

A seguir, discutiremos os resultados e análises que foram percebidas durante o decorrer do trabalho monográfico.

## CAPÍTULO III

### 3. ANÁLISE DE DADOS

Objetivando compreender a escolarização de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos da UnB e suas conquistas e dificuldades durante a escolarização até o ingresso na universidade, neste terceiro capítulo trazemos as diversas relações que os estudantes tiveram durante esses caminhos que foram percorridos por eles.

É importante informarmos que o participante Carlos não focou as questões sobre si mesmo, mas ele trouxe como seria a perspectiva ideal para que a escolarização dos surdos acontecesse de maneira efetiva. Portanto, iremos aproveitar essas falas dele como valorização das experiências do sujeito surdo e de como é esse olhar dele como futuro docente.

Aqui iremos dar ênfase em algumas respostas das perguntas que os entrevistados nos deram, por se tratar de muitas perguntas não colocaremos todas as respostas dos três entrevistados, mas iremos relacionar algumas respostas entre eles. Iremos estruturar a fala dos participantes por organização temática, são elas: tipo de escola e apoio de intérprete; estratégias de ensino em sala de aula; apoio familiar; reprovação; e escolha do curso LSB-PSL.

Neste contexto, quando perguntado ao primeiro entrevistado – Pedro sobre: Em que tipo de escola você estudou? Inclusiva, bilíngue? Tinha intérprete? declara:

*Então, eu estudei em uma escola inclusiva que tinha intérprete na primeira série. E eu estudei em uma outra escola onde não tinha intérprete e eu tive muitas reprovações e depois que eu fui para essa escola inclusiva, desenvolvi mais ou menos, mas eu por exemplo, não sabia que existia essa escola bilíngue, e aí eu fui conhecer essa escola bilíngue que tinha didática, material próprio para o aluno surdo, para o aprendizado dele, eu fiquei impressionado, fiquei admirado. E na escola inclusiva eu tive o intérprete e tive essas dificuldades lá, mas eu não tinha conhecimento dessa bilíngue. Então, olhar para uma e olhar para outra, é meio complicado porque ali na inclusiva eu tive dificuldade, mas consegui ter um desenvolvimento.*

Em um primeiro momento, o entrevistado traz três pontos para serem repensados, primeiro traz a escola que não tem intérprete e que ele só reprovava, depois traz a escola que tinha intérprete, que ele conseguia de certa forma alcançar algum aprendizado, e de repente ele descobre a existência da escola bilíngue, mas que ele não teve oportunidade de estudar nessa escola.

Percebe-se que até aconteceu um desenvolvimento mais ou menos, mas o próprio Pedro entende que, na escola bilíngue talvez ele tivesse um desenvolvimento muito maior. Ele nos mostra, que ele não conhecia, que não sabia dessa possibilidade, pois na escola bilíngue, talvez a aprendizagem dele pudesse ser mais vantajosa, porque ele estudou numa escola onde não tinha intérprete e depois que ele foi para uma escola onde tinha intérprete, que aí o desenvolvimento dele começou a acontecer. Mas ele relata que antes da visita, não sabia da existência dessa escola bilíngue, onde ele via que tinha diversos materiais didáticos para o aprendizado, tudo próprio em língua de sinais.

Então, entendemos que ele comparando qual dessas seria melhor para a sua aprendizagem, ele percebe que há um intérprete na sua escola inclusiva, mas que na escola bilíngue seria mais favorável, pois o ensino é todo em libras. No nosso entendimento, trazemos disso que ele ficou feliz em saber dessa possibilidade da existência da escola bilíngue que ele queria ter conhecido e que queria ter se escolarizado lá, pois, tinha a possibilidade dele adquirir todos esses conhecimentos, que ele ia poder conseguir se alfabetizar melhor e além de tudo o ensino seria na sua língua nativa - língua de sinais e ele viu que ali sim o surdo tem um aprendizado real, porque tem professores bilíngues e didáticas pensadas para o surdo, então ele traz esses três pontos da sua escolarização inicial. E agora, percebe-se que ele está conseguindo todo esse ensino na graduação LSB-PSL, onde ele tem o português como segunda língua, então ele está tendo essa oportunidade agora com esses professores fluentes em libras.

Na segunda temática sobre as estratégias de ensino em sala de aula. Quando perguntado a Pedro a respeito de questões das práticas pedagógicas dos professores sobre a língua de sinais para comunicação e as estratégias de ensino que os professores aplicavam para ensinar, Pedro relata:

*Então, quando eu era pequeno, o professor intérprete me ensinava o A, B, C. E tinha um livro - Capovilla, esse livro tinha sinais e o professor regente também acompanhava esse meu aprendizado, ele me passava um material e nesse mesmo material eu encontrava as palavras, o Abecedário e fazia uma junção de tudo isso, tudo muito básico. Essa intérprete de libras para mim quando eu era pequeno, eu achava que essa intérprete era muito boa, mas agora eu entendo que ela não era, ela tinha sinais muito básicos em libras para ser a minha professora intérprete.*

Na mesma linha, quando perguntado a Daniel se os professores usavam a língua de sinais para se comunicar e quais eram as estratégias de ensino que eles aplicavam para ensinar, Daniel relata:

*Então, eu cresci nos anos iniciais em uma escola inclusiva, tinham dois surdos nessa sala, e as estratégias eram muito relacionadas às questões gestuais e anotações e eu conseguia. Às vezes não entendia, outras vezes entendia e a gente conseguia, mas na 4ª série tinha um lugar na escola, era uma sala de recursos, tinha intérprete que me explicava sobre as disciplinas, tinha a escola inclusiva com as disciplinas - história, geografia, matemática, eu conseguia entender e aprender. Mas na 5ª, 6ª, 7ª séries eu não tinha intérprete, era só olhando para os professores. O professor ficava olhando para a gente, ficava oralizando e realmente a gente não entendia, a comunicação era difícil. Daí eu fui para o CEAL<sup>4</sup>, para tentar buscar esses conhecimentos, eu tinha um atendimento especializado lá de apoio para que pudesse compreender essas aulas onde eu tinha esses professores me olhando e oralizando e não sinalizavam, ali não acontecia nenhuma língua de sinais.*

Para Pedro, quando ele era pequeno, aqueles sinais eram suficientes para o ensino dele, então era bom, mas hoje ele estando na graduação LSB-PSL, percebe-se que nesse curso ele entende que aqueles sinais não eram suficientes para ele realmente ter um aprendizado bom, que para ele, melhor mesmo seria ter estudado na escola bilíngue, que havia uma elaboração do currículo escolar estruturada numa prática pedagógica voltada para os surdos, onde tinha aqueles materiais didáticos próprios para a sua aprendizagem. Segundo Thoma e Klein:

[...] Essa situação não é diferente nas demais regiões, onde a maioria dos alunos surdos tem como opção educacional a escola regular, despreparada para atender às especificidades desses alunos. Ficaram evidentes na pesquisa a inexistência do profissional intérprete de língua de sinais nesses espaços escolares e a frágil formação dos professores, que indica a pouca fluência ou o desconhecimento da língua de sinais para se comunicar com os alunos surdos”. (THOMA;KLEIN, 2010, p. 121).

Thoma e Klein (2010) refletem sobre uma situação muito vivenciada por sujeitos surdos quando diz que nas escolas é muito frequente a pouca formação e inadequação dos

---

<sup>4</sup>Centro Educacional de Audição e Linguagem - Ludovico Pavoni - (CEAL-LP). É uma instituição sem fins lucrativos, que busca reabilitar a pessoa surda com práticas pedagógicas voltada para língua portuguesa falada e escrita. Site disponível em: <https://www.ceallp.org.br/about.html>

professores ao ensinarem um aluno que carrega outros aspectos políticos e a dificuldade dos mesmos em ter estratégias ao ensinar um aluno surdo. Como no momento em que a Pedro foi perguntado sobre o intérprete na escola, ele responde que achava que a intérprete sabia a língua de sinais quando ele era pequeno e depois ele percebe que não era assim, então ele consegue fazer essa diferenciação de um ensino básico para um ensino mais avançado.

Essa carência pode ser notada quando ele faz uma comparação de ferramentas que eram utilizadas para aprendizagem entre as escolas inclusiva e bilíngue, que para ele, os materiais ofertados na escola inclusiva eram muito básicos, pode-se perceber que ele mostrou muito interesse quando ele reflete sobre a escola bilíngue, onde os materiais estão dentro da sua língua gestual visual.

Um pouco diferente de Pedro que teve um ensino mais básico em língua de sinais nos anos iniciais, Daniel nos mostra as dificuldades enfrentadas na sua escola, mas que apesar de tudo isso, ele conseguiu superar, percebemos que ele tem facilidade para aprender, ele mesmo foi em busca desse aprendizado.

Além disso, a sala de recursos, que também o ajudou nesses anos iniciais e nos anos finais, e, ele ainda foi a procura desse apoio na escola oralista que é o CEAL. Também nos mostra que ele tinha esses impedimentos de que às vezes ele entendia, outras vezes não e ele tentava encontrar um meio para compreender o que os professores estavam dizendo para que ele conseguisse adquirir os conhecimentos, não era algo simples e nem fácil, mas conseguiu superar todas essas dificuldades. É necessário que “o sujeito surdo para poder desempenhar esse papel ativo precisa poder comunicar e ser comunicado em sua língua de sinais, aquela que ele pode adquirir e usar plenamente, precisa poder interagir com seus colegas nessa mesma língua e igualmente com seu professor.” (STUMPF, 2004. p. 144).

Percebe-se que a partir do que Stumpf (2004) nos traz, houve essa falha de possibilidades de comunicação entre professor e aluno, de oportunidades de fundir essas duas línguas, principalmente no que diz respeito de um aluno surdo estar inserido em uma sala de aula em que a sua língua não está presente na sua aprendizagem, aconteceu que ele precisou adequar o seu entendimento para compreender os professores, então, percebemos que esse impedimento do aluno poder se expressar da sua maneira, de poder compreender o outro e de se comunicar, feriu esse papel da sua escolarização tão importante que tem na educação do aluno surdo.

E, acreditamos que apesar de toda dificuldade, Daniel realmente tem uma facilidade para o aprendizado, porque não tendo intérprete nos anos finais e só fazendo a leitura labial do professor tentando entender oralmente o que o professor estava dizendo, é difícil e além disso,

ele nunca reprovou, então acreditamos que quando pequeno era aluno muito esforçado e que ia buscando esses aprendizados de diferentes maneiras e acabou conseguindo superar todas essas barreiras.

Sobre a temática sobre o apoio familiar dos entrevistados, quando a Pedro se teve apoio da família, ele relata:

*[...] É um pouco fácil aprender, oralizar, fazer leitura labial, sabe? Porque a minha família me ajudava, então sou grato a minha família.*

Carlos relata como foi o apoio da família durante a sua escolarização:

*Minha mãe descobriu questões relacionadas à surdez, ela foi atrás para saber como era um surdo, então eu e a mãe descobrimos como era um surdo e aí foi e vimos que tinha algumas barreiras, algumas limitações no sentido gestual e então ela teve uma ideia e foi em busca de escolas, então ela foi até uma escola onde tinha professores que sabiam a Língua de Sinais que sinalizava, e eu via esse professor e fiquei muito feliz.*

Nessa mesma linha, quando perguntado a Daniel se ele teve apoio de sua família, ele relata:

*Meu principal apoio foi a minha mãe, ela sempre ia na escola, resolvia todos os problemas, eram várias questões e ela ia sempre lá, ela nunca me deixou, nunca me abandonou e ela sempre me respeitou como filho e como surdo.*

Nota-se que a família de Pedro tinha essa preocupação, pelo olhar deles de ajudar Pedro a se desenvolver oralmente, a sua leitura, de ajudar nos significados das palavras, para eles isso iria trazer um ensino mais eficaz.

Na família de Carlos, percebe-se também que eles tiveram uma preocupação, foram em busca de um espaço, de uma escola para ele, na qual ele pudesse ter uma aprendizagem significativa. No dia que ele foi visitar junto com sua mãe esta instituição em que eles acharam melhor para sua aprendizagem, Carlos encontrou um professor que sabia a sua língua e isso para ele foi promissor, ele ficou muito contente.

Para Daniel, o apoio da família foi muito importante porque a mãe em cada situação esteve presente. É tão importante esse papel como mãe, como família que apoia seu filho surdo, que não o rejeita como pessoa deficiente ou incapaz de aprender e que respeita a identidade surda que seu filho tem. Essa mãe passou a ser um pilar na vida de Daniel quando

ele mesmo afirma que o seu principal apoio foi a sua mãe.

Ele sempre obteve esse suporte da mãe em todos os sentidos, acompanhando todo o desenvolvimento dele até chegar onde ele está hoje. Daniel reconhece que quanto a este apoio ele foi totalmente favorecido desde o momento em que sua mãe buscou possibilidades de estudos até o ingresso na UnB, relatando que a família também o incentivou a fazer esse vestibular para o curso LSB-PSL.

Quanto a temática a respeito de reprovações quando questionado a Pedro se ele reprovou alguma série ou se teve problema na aprendizagem, relata:

*[...]Reprovei três vezes na primeira série. Na segunda série, coloquei o aparelho auditivo, comecei a ouvir um pouco, tinha intérprete de libras e também aprendia a oralizar com o meu professor. [...]O professor me ensinava, colocava a mão em minha garganta para eu sentir a palavra que estava sendo dita, assim eu aprendi a oralizar bem. [...]*

Nesse mesmo questionamento, Carlos relata:

*Nessa escola que eu estudei<sup>5</sup>, eu tive muitas reprovações, eu reprovei na 3º série duas vezes, depois reprovei na 4º série duas vezes, mas como? Por que isto aconteceu? Por que eu tinha muitas limitações, muitas dificuldades, os professores não me explicavam de maneira clara, aí depois eu fui desenvolvendo, fui melhorando e até hoje estou bem melhor.*

Já Daniel narra:

*Nunca reprovei, sempre passei em todas as séries. [...]Dificuldades eu senti, eu conseguia escrever dentro da escola inclusiva, mas eu também ia ao CEAL, eu conseguia trabalhar na inclusão, eu tinha esse apoio da sala de recursos, então, dá até pra colocar na balança né? Eu fui superando conforme esses apoios que eu obtive, imagina se eu não conseguisse nem ir para a escola? O desafio seria ainda maior. Os desafios existiram, mas eu consegui superar.*

A respeito de Pedro, pode ser que por esse mesmo motivo, ele teve um desenvolvimento melhor na aprendizagem da língua oral, uma vez que a sua família o cercava com essa língua oral-auditiva talvez tivesse facilidade em aprender a língua oral e também Pedro tinha esse reforço na escola quando o professor o ajudava a oralizar.

---

<sup>5</sup> Na gravação da entrevista Carlos não deixou claro a pesquisadora se a escola em que ele está se reportando era inclusiva, se tinha ou não intérprete de libras. Porém, nessa mesma escola encontrou um professor que sabia libras. Também não ficou claro na entrevista se esse professor que sabia libras foi efetivamente seu professor em sala de aula, talvez seja apenas um professor da instituição.

Mas, pode ser também, que pelo mesmo motivo, Pedro só conseguiu se desenvolver depois de colocar o aparelho auditivo, porque, talvez, a instituição utilizava mais o português escrito e falado do que a língua de sinais, apesar do intérprete ter atuado na aprendizagem dele nesta etapa, era reforçada essa oralização. “É preciso considerar que as interações por parte dos pais e professores, com seus filhos e alunos, respectivamente, se constituem a partir da modalidade oral-auditiva de linguagem, a qual, grande parcela dos surdos não têm acesso.” (SCHEMBERG, GUARINELLO e MASSI, 2012. n.p).

E, antes Pedro não tinha acesso a essa característica oral-auditiva e por isso pode ser que talvez ele tenha reprovado, pois percebe-se que ele passou a se desenvolver depois de colocar o aparelho auditivo e também com a presença do intérprete de libras, mesmo este apresentando sinais básicos (conforme dito anteriormente).

Quanto a Carlos, ele traz que nessa escola onde encontrou um professor (como dito na fala da página 40) que sabia língua de sinais, não sabemos se foi um ou mais professores, mas relata que teve uma escola que ele viu que tinha professor que sabia libras, mas que mesmo nessa escola ele teve reprovações, entende que não tinha uma clareza de informações, de ensinamentos.

Então, Carlos percebe que a sua aprendizagem, nas séries reprovadas não se realizava de uma maneira clara. Não sabemos aqui, o entrevistado não nos fornece se a questão foi, talvez, o professor onde ele teve a reprovação não saber a língua de sinais ou se este era o intérprete que não sabia tão bem a libras. Pode ser que o motivo se dê porque há a necessidade de perceber a importância na “[...] formação de professores e professoras de surdos: a necessidade de formação continuada no que se refere ao conhecimento da libras e das especificidades de ensino de língua portuguesa para surdos.” (KARNOPP; KLEIN, 2004, p. 71). Então, a respeito disso é imprescindível que os professores tenham acesso a essa formação para favorecer a aprendizagem do sujeito surdo, conseguindo assim, se comunicar de maneira clara e eficaz com ele.

Com relação a Daniel, percebe-se que pode ser frequente que alunos surdos incluídos em escolas regulares muitas vezes enfrentam situações que não há possibilidades de ter um relacionamento harmônico entre colegas e professores, a respeito disso Karnopp, (2004, p. 106) diz que:

Ser surdo e usuário da língua de sinais é enfrentar ‘também’ uma situação bilíngue, pois o surdo está exposto à língua portuguesa tanto na modalidade oral quanto escrita. Assim, utilizar tanto a língua de sinais quanto a língua portuguesa na escola e possibilitar o estudo dessas línguas pode significar o acesso à expressão, à compreensão e à explicitação de como as pessoas (tanto surdas quanto ouvintes) se

comportam quando pretendem comunicar-se de forma mais eficaz e obter êxito nas interações e nas intervenções que empreendem. Aqui o acesso à palavra (em sinais e na escrita) é traduzido como uma forma de acesso das pessoas ao mundo social e linguístico, sendo condição mínima e necessária para que o aluno possa participar efetivamente da aula, entendendo e fazendo-se entender. (KARNOPP, 2004, p. 106).

Todavia, a respeito do que diz Karnopp (2004), o que certifica nessa situação é que o sujeito surdo não teve estes direitos concedidos pela instituição, mas, entende-se que, mesmo ele tendo passado por todos esses desafios, que para ele não foram fáceis, mas entende que foi melhor assim do que se não tivesse ido para a escola.

Abordando a temática sobre a escolha do curso LSB-PSL pelos entrevistados. Pedro, relata sobre o curso e como foi essa caminhada até chegar na universidade:

*[...]Eu tentava ler várias vezes e a minha família ensinava os significados das palavras, professores me ensinavam e os amigos também. Teve momentos difíceis e momentos mais fáceis, mas quanto mais eu lia e estudava, mais aprendia o significado das palavras e aprendia a falar palavras. [...] Eu agora já estudei 4 semestres do curso e percebo que agora estou cada vez mais ampliando os meus conhecimentos na língua portuguesa e que tenho autonomia para perguntar em sala de aula, opinar e com isso eu me sinto bem.[...]*

Quando questionado a Carlos sobre o curso LSB-PSL, descreve:

*[...]Por exemplo: tem esse aprendizado, tem os significados que eu nunca conheci, mas o professor traz o conhecimento e a gente consegue aprender porque o professor tem esse conhecimento sobre a língua de sinais. As dificuldades são mais relacionadas sobre o que são essas comparações de sinais com o português, mas a gente vai entendendo através das estratégias dos professores, das metodologias que são importantes. No futuro eu também quero usar metodologias que se assemelham a esses professores.*

Sobre essa mesma questão, quando questionado a Daniel sobre o curso LSB-PSL, narra:

*Então, porque eu estou no curso LSB-PSL? Porque a família incentivou sim, amigos me falavam: por favor, é muito importante para você, vai conseguir entrar. Você precisa de Português como segunda língua, você vai estimular não só a escola bilíngue, você vai estimular outras escolas com essas teorias que você vai aprender, com esse conhecimento,*

*com as aprendizagens sobre as estruturas linguísticas, então você precisa ir para no futuro você transmitir os conhecimentos que você vai adquirir lá.*

Percebe-se que Pedro revela o quanto valoriza a língua portuguesa, o quanto para ele é importante esse aprendizado da leitura, da escrita, por isso que para ele o curso de LSB/PSL está sendo essencial para a sua vida, por tudo que está aprendendo da língua portuguesa. Ele também valoriza a questão da fala, a oralização e acredita que esse aprendizado também tenha ajudado a se expressar melhor através da fala, então entende que a UnB fez com que crescesse, com que se desenvolvesse linguisticamente por conta de todo aprendizado que está adquirindo com as aulas. Mesmo estando no 4º semestre, ele entende que avançou muito na parte escrita, e a UnB faz com que tenha essa coragem e se sinta firme em se expressar, de dizer o que pensa em aula, de opinar, de questionar, e isso para ele tem sido muito positivo.

O próprio Pedro percebe que continua nesse processo, porque como ele foi oralizado, então ele ainda está em processo de desenvolvimento na aprendizagem da língua de sinais e está se esforçando para isso. E que no curso LSB-PSL também há possibilidades que se abrem para ele do aprendizado da língua de sinais, do aperfeiçoamento na mesma. “Acontece que muitas crianças surdas, em sua maioria filhas de pais ouvintes, só entram em contato com aquela que poderia ser sua língua natural, a língua de sinais, de forma limitada e tardia.” (STUMPF, 2004, p. 143).

Talvez, Pedro cercado da língua portuguesa falada e escrita na família e na instituição escolar, ele não tivesse tanto contato com sua língua nativa - língua de sinais, além do intérprete que sabia o básico da libras, então para que tivesse mais facilidade em se comunicar com essas pessoas que eram mais próximas dele, precisou se adequar nesta segunda língua para surdo para que a comunicação se efetivasse, tanto que o próprio Pedro relata que conseguiu se desenvolver um pouco mais depois que passou a usar o aparelho auditivo, por isso pode ser que Pedro obteve um melhor resultado na fala oral em comparação com a língua de sinais que ele usa hoje e que se encontra ainda nesse processo de aprendizagem da libras.

Compreende-se que Carlos, tem um pouco mais de dificuldade na escrita do português, agora na faculdade, sobre a questão das palavras relacionadas aos sinais, essa é a dificuldade maior que ele demonstra no momento. Carlos reforça também, que tanto o professor surdo quanto o professor ouvinte sabem a língua de sinais, todos têm esse reconhecimento e estar diante de professores que dominam essa língua dá um prazer muito grande nele como discente. Quando mostra que tem esses professores como modelo de

ensino, como perfil a ser seguido para no futuro ensinar seus alunos, ele percebe que isso trouxe um ganho também do aprendizado dele, para a vida dele e ele também quer se utilizar dessas estratégias para lecionar no futuro.

A respeito dessas questões, Karnopp (2004, p. 107) escreve:

Devemos considerar, em um primeiro momento, que o surdo é usuário da língua portuguesa como segunda língua. Sua escrita é semelhante à escrita de estrangeiros aprendendo a língua portuguesa e, portanto, o domínio da leitura e da escrita está intimamente relacionado com as práticas de leitura e escrita que a escola e o ambiente lingüístico oferecem. Em segundo lugar, devemos considerar a importância do conhecimento da língua de sinais, por parte do surdo e do professor, para o desenvolvimento de estudos comparativos entre a língua de sinais e a língua portuguesa, estabelecendo relações e diferenciações entre esses dois sistemas lingüísticos. Em terceiro lugar, é relevante considerar a metodologia de ensino de língua portuguesa[...]. (KARNOPP, 2004, p. 107).

Carlos nos mostra que apesar dessa dificuldade que talvez ele veja como impedimento, ele compreende que os professores têm estratégias condizentes com a língua de sinais, que eles mostram esse respeito pela libras. Então isso traz para ele como algo que é positivo, porque ele consegue adquirir conhecimentos com esses professores, porque é um curso próprio para os surdos, por isso que se sente bem ali dentro, só a dificuldade maior é quando chega naquele momento da parte escrita.

Acerca de Daniel, uma vez mais, ressaltamos a importância desse curso, no sentido de que ele, está se sentindo como futuro docente uma vez que as pessoas de fora viam a importância dele de poder aprender, adquirir esses conhecimentos lingüísticos para desenvolver nas escolas quando for docente, para que as crianças, jovens e adultos surdos, tenham a possibilidade e o direito de aprender como sujeito surdo com respeito a suas características lingüísticas. E que ele também vai ser uma referência, um surdo modelo diante de outros surdos, e também de alguns ouvintes.

Trazendo uma comparação dos três, com relação ao entrevistado Pedro, entende-se que para ele ainda está muito forte essa questão da aprendizagem da língua escrita, da oralização, então, ele vai em busca disso. E não estamos aqui para falar se está certo ou errado, justamente o que queremos trazer neste trabalho, são essas múltiplas identidades que existem. “A identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições.” (PERLIN, 2001 p. 52). Então, esse surdo que se encontra mais para a identidade híbrida que está nesse processo, porque para ele ainda é muito importante a oralização, a fala.

E então ele quer buscar essa aproximação do ouvinte, ele está na busca da escrita do ouvinte e da fala. E aqui não iremos julgar, isso é apenas o que a entrevista nos mostra, que esse é um tipo de surdo que a cultura surda contempla, que além de querer a língua de sinais, ele também quer essa aproximação da escrita e da fala ouvinte. Perlin (2001), denomina essa identidade como:

[...] identidades surdas híbridas. São os surdos que nasceram ouvintes, e que com o tempo se tornaram surdos. [...]. Estes surdos conhecem a estrutura do português falado e usam-no como língua. Eles captam do exterior a comunicação de forma visual, passam-na para a língua que adquiriram por primeiro e depois para os sinais. (PERLIN, 2001, p. 63).

Pedro teve esse apoio da família etambém teve esse incentivo para aprender a oralizar e ler. Então, isso ele traz de maneira muito clara e nos mostra duas coisas - que ele quer tanto a língua de sinais, quanto ele quer a língua escrita e a oralização, então ele mistura esses três aspectos por isso é uma identidade híbrida.

Dentro da cultura surda, vendo o surdo especificamente como ele realmente é, um militante para sua língua, para seus direitos, que se trata de um surdo que para ele não importa ter essa escrita perfeita em língua portuguesa, ele quer ser respeitado na sua língua dentro da sua cultura. Então, ser esse surdo poder ser atendido na sua língua, nos anos iniciais até a graduação, para ele é o suficiente, pois ele não tem essa preocupação com a língua portuguesa por se tratar de surdos que estão cursando uma graduação que respeita os seus aspectos linguísticos e culturais.

Porém, quanto a Pedro, ele mostra querer escrever nesta segunda língua perfeitamente, que deseja querer falar perfeitamente na sua segunda língua, percebe-se que dentro dessa graduação ele está aprendendo a falar melhor e aprendendo a escrever melhor e que não está errado, é um direito dele, anseia por isso e a sociedade e a própria comunidade surda precisa respeitar esses outros surdos, é necessário entender que existem essas outras identidades.

Quanto ao Daniel, ele ressalta a importância da língua de sinais e que mesmo quando ele não teve em sala de aula a sua língua, ele conseguiu superar as dificuldades, não tinha o atendimento todo em língua de sinais pelos professores, por colegas, mas a partir do momento que encontrou na sala de recursos esse apoio pedagógico e também no CEAL, conseguiu superar as dificuldades de não ter intérpretes em sala e foi muito difícil para ele ficar acompanhando essa leitura labial pelos professores, mas com o apoio da família, da sala de recursos e do CEAL, ele conseguiu superar tudo isso. E, ele percebe o quanto é importante

está como aluno surdo na graduação e também familiares e amigos percebem o mesmo, pois a LSB-PSL irá possibilitar ao se formar ajudar outros alunos surdos que estarão nas instituições escolares.

Quanto a Carlos, ele não fala de si mesmo, mas apresenta perspectivas que seriam ideais para o ensino e aprendizagem dos surdos. Nós não conhecemos mais profundamente como foi a escolarização dele, porque ele acabou focando em como deveria ser o ensino do aluno surdo, então acabamos não tendo esse conhecimento, porém ele traz com o olhar sensível de docente e como sujeito experiente que veio passando por toda essa trajetória escolar, como e qual melhor maneira teria acontecido essa aprendizagem e esse ensino escolar para ele e para futuros discentes surdos.

Por fim, trataremos posteriormente em breve palavras uma reflexão final com quais considerações podemos apreender sucintamente com os dados coletados nesta pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que é importante pensar no ser surdo como sujeito que tem intelecto, capacidade de ser quem ele é com as suas vivências, com a sua cultura e identidade que vão constituindo - o no mundo como ser capaz de se relacionar, ser, agir e transformar a sociedade. Toda essa reflexão apresentada neste trabalho, mostra como a família e a escola podem influenciar na constituição do sujeito surdo, na sua formação identitária e linguística.

Nos primeiros anos da criança surda pode ser difícil a adaptação e assimilação quando não ingressa numa escola apropriada para ela, a dificuldade de socializar, de se comunicar e de se desenvolver como criança que brinca e que sorri, traz experiências mal vividas, que podem ser prejudiciais para a sua aprendizagem. Por isso é essencial que a instituição escolar trabalhe com a diferença, trazendo a apropriação do sujeito surdo nos diversos espaços.

É importante que a criança seja protagonista da aprendizagem dela e que os pais, os médicos e as instituições possam mostrar as possibilidades dessa criança interagir no meio social independente de sua escolha - oral ou sinalizada, como argumentado por Kuchenbecker:

Muitas vezes o sujeito surdo ou a criança surda demonstra curiosidade em relação à fala de palavras, frases e até mesmo de expressões utilizadas pelos ouvintes; e existem alunos surdos que não apresentam interesse em relação à fala, apenas querem se expressar através da língua de sinais. (KUCHENBECKER, 2005, p. 24)

Fica evidenciado nessa proposta de trabalho que a educação do surdo precisa ser diferenciada das propostas que não abrangem sua diferença, para que o surdo consiga o seu lugar na sociedade como sujeito de direitos. E as pessoas que os rodeiam - família, professores e principalmente, os próprios surdos, precisam ter uma postura de qual melhor educação conquistar.

Nesse sentido, ressaltamos que o sujeito surdo deve ser livre para escolher qual é a melhor maneira de aprendizagem e junto com ele, compete a sua família que influencia muito na decisão de educação para o filho e o profissional que o ajudará perfazer o processo mais preferível de sua educação, isso fica explícito nas falas dos entrevistados sobre o ensino e aprendizagem, em que para eles foram as oportunidades que lhe cabiam naquele momento, hoje eles se mostram felizes em estar em uma instituição que os valoriza e que possibilita com essa formação, no futuro ajudar a melhorar o ensino de crianças, jovens e adultos surdos.

Esperamos que com este trabalho nós professores, intérpretes, familiares, pessoas

próximas ou não de pessoas surdas, busquemos respeitar e repensar sobre todas as lutas que os surdos enfrentam até os dias de hoje e o direito que eles devem ter como pessoas que transitam na sociedade.

E que a partir dessas reflexões que aqui ficam para nós, possamos pensar numa educação que possa englobar essa cultura surda, professores e futuros profissionais da educação repensamos e retratamos que tipo de educação essa outra cultura deve ter. E que quando em sala de aula nos depararmos com alunos surdos, sujeitos que talvez não tenham a mesma cultura e nem a mesma língua dos outros alunos, possamos nos esforçar para compreender e entender que esta diferença traz consigo uma riqueza de conhecimentos e aprendizados que deve ser respeitada e aproveitada nos ambientes institucionais.

# PARTE III

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Como um sonho, depois de conhecer o surdo e a língua brasileira de sinais, desejo me especializar na área da educação de surdos, em libras, e anseio por estar em sala de aula, é claro, de preferência, atuando em escolas públicas e concursada, fazendo o que eu mais proponho neste trabalho - buscar ser uma profissional que perceba a singularidade de cada aluno, desencadeando muitos ensinamentos e aprendizagens recíprocas com eles.

Anseio grandemente ser um ser capaz de contagiar outros e mais ainda, que eu seja antes de tudo, um ser humano que seja capaz de fazer a diferença, como professora, filha, irmã, amiga, etc. De acreditar numa educação melhor e de motivar outras pessoas. Pretendo também, futuramente ingressar num mestrado na área da educação de surdos.

Discorrendo sobre minhas perspectivas futuras, vejo que a graduação me fez abrir os olhos para os diversos caminhos que há como pedagoga e percebo que estou no caminho certo. Concluo uma graduação que muito me ampliou em conhecimentos e me instigou a seguir neste ramo, por fim, finalizo sabendo que essa conquista foi apenas o começo do que ainda está por vir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTELHO, Paula. **Segredos e silêncios na educação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 126p.
- BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos – ideologias e práticas pedagógicas**. 4. Ed. – 2. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 158p.
- GLAT, Rosana. **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. 210p.
- KARNOPP, L.B. LÍNGUA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS. In: THOMA, Adriana da Silva., LOPES, Maura Corcini. **A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. cap. 6. p. 103 - 113.
- KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena. **Narrativas de Professoras Sobre a(s) Língua(s) na Educação de Surdos**. Educação e Realidade. p.63-78. jul/dez, 2007.
- KLEIN, Madalena. CULTURA SURDA E INCLUSÃO NO MERCADO DE TRABALHO. In: THOMA, Adriana da Silva., LOPES, Maura Corcini. **A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. cap. 5. p. 83 - 99.
- KLEIN, Madalena., FORMOZO, Daniele de Paula. **Im/possibilidades na Educação de Surdos: discussões sobre currículo e diferença**. Currículo sem Fronteiras, v.9, n.2. Jul/Dez 2009. p. 212-225.
- KUCHENBECKER, L. G. **A criança surda e a educação infantil**. Porto Alegre, 2005. 63p. Dissertação de Especialização - Pós Graduação Educação Especial - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS VIRTUAL.
- LOPES, M.C. A NATUREZA EDUCÁVEL DO SURDO: A NORMALIZAÇÃO SURDA NO ESPAÇO DA ESCOLA DE SURDOS. In: \_\_\_\_\_. **A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. cap. 2. p. 33 - 55.
- LUNARDI, M.L. EDUCAÇÃO ESPECIAL: INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UMA RACIONALIDADE CIENTÍFICA. In: THOMA, Adriana da Silva., LOPES, Maura Corcini. **A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. cap. 1. p. 15 - 32.
- PERLIN, G.T. IDENTIDADES SURDAS. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. cap. 3 p. 51-73.

PERLIN, G.T. O LUGAR DA CULTURA SURDA. In: THOMA, Adriana da Silva., LOPES, Maura Corcini. **A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. cap. 4. p. 73 - 82.

PERLIN, G. T. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade** / Porto Alegre, 2003. 156p. Tese de Doutorado - Programa de Pós Graduação em Educação- Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de. **O bi do bilinguismo na educação de surdos In: Surdez e bilingüismo**. 1 ed. Porto Alegre : Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36. n.p.

SCHEMBERG, Simone; GUARINELLO, Ana Cristina; MASSI, Giselle. **O ponto de vista de pais e professores a respeito das interações linguísticas de crianças surdas**. Rev. bras. educ. espec., Marília , v. 18, n. 1, p. 17-32, Mar. 2012. Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v18n1/a03v18n1.pdf>. Acesso em 10. dez. 2019.

SILVA, Luciene Maria da. **A deficiência como expressão da diferença**. Educ. rev., Belo Horizonte , n. 44, p. 111-133, Dec. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n44/a06n44.pdf>. Acesso em 10. set. 2019.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. 192p.

STUMPF, Marianne Rossi. SISTEMA SIGNWRITING: POR UMA ESCRITA FUNCIONAL PARA O SURDO. In: THOMA, Adriana da Silva., LOPES, Maura Corcini. **A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. cap. 9. p. 143 - 159.

THOMA, Adriana da Silva. **Educação Bilíngue nas Políticas Educacionais e Linguísticas para Surdos: discursos e estratégias de governamento**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 755-775, set. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362016000300755&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362016000300755&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 30.dez.2019

THOMA, Adriana da Silva., KLEIN, Madalena. **Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil**. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel. Pelotas [36]: 107 - 131, maio/ago. 2010, (p. 108-131).

THOMA, Adriana da Silva., LOPES, Maura Corcini. **A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004 (p. 01 - 236).

VIEIRA-MACHADO, Lucylene Matos da Costa; LOPES, Maura Corcini. **A Constituição**

**de uma Educação Bilíngue e a Formação dos Professores de Surdos. Educ. Real.,** Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 639-659, set. 2016. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-6232016000300639](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-6232016000300639) >. Acesso em 30 dez. 2019.

## ANEXO



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE TEORIA E FUNDAMENTOS**

Eu,

.....  
 CPF..... RG.....  
 informo que estou ciente da pesquisa:  
 ..... executada  
 por .....  
 CPF.....RG..... matrícula..... aluna do curso de  
 Licenciatura em Pedagogia FE/UnB e orientada pela professora Dra. Liège Gemelli  
 Kuchenbecker.

A pesquisa realizada é de cunho qualitativo e se insere no Trabalho Final de Curso (TFC). Informamos que os nomes que constam neste trabalho são todos fictícios.

Autorizo que sejam apresentados o levantamento de dados relacionados à pesquisa.

Desde já agradecemos!

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
 Aluna (pesquisadora): Andressa Kaliane Lima Santos

\_\_\_\_\_  
 Professora Liège Gemelli Kuchenbecker  
 Faculdade de Educação/UnB

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.